

HONDERICH, Ted (Org.)

THE OXFORD COMPANION TO PHILOSOPHY, Oxford: Oxford University Press, 1995, 1010 páginas (25 libras).

Ted Honderich nasceu no Canadá, estudou em Toronto e em London. Após um período de atividades nos EUA, fixou-se (1964) no Departamento de Filosofia do "University College London". Escreveu alguns trabalhos em que abordou temas da política. Entre eles, os livros *Punishment: the supposed justification*, de 1969, e *Violence for equality*, de 1976. Em seguida, organizou, com êxito, algumas antologias, a mais conhecida das quais seria, provavelmente, *Philosophy through its past*. Celebrizou-se, porém, com o livro *A theory of determinism*, de 1988, cujo tema central (a neurociência e o espírito) voltou a ser explorado, com os olhos voltados para o grande público, em *How free are you?*, publicado em 1993.

Honderich voltou ao mundo das letras, como organizador desse "**Companion**", espécie de "**enciclopédia de filosofia**", publicada em 1995. Trata-se de ampla obra de referência. A fim de elaborá-la, contou com a colaboração de 246 especialistas, de diversos países. Cada qual deles foi encarregado de escrever a respeito de um, dois, às vezes três itens. Os temas abordados ganham alcance mundial, cobrindo, a rigor, toda a história da filosofia, de Tales, Pitágoras, Parmênides e Heráclito, até os mais discutidos pensadores da atualidade - como, digamos, M. Dummett (Inglaterra), W. Quine (EUA), K. Popper (Austria), L. E. J. Brouwer (Holanda), E. Husserl (Alemanha), F. De Saussure (Suíça), J. Derrida (Argélia), N. Abbagnano (Itália), M. Merleau-Ponty (França).

Há aproximadamente dois mil itens, que se apresentam em ordem alfabética, de "*abandonment*" e "*abduction*" até "*Zeno of Elea*" e "*zoroastrism*". Voltam-se para conceitos básicos (e. g., tempo),

teorias (e. g., holismo), problemas (e. g., significado da vida), escolas (e. g., marxismo) e filósofos. Pensadores do passado e mais de 150 filósofos de nossos dias têm suas idéias aqui apresentadas - de maneira clara e (quero crer) correta. (Há oitenta retratos desses pensadores no "**Companion**"; p. ex., de Pitágoras, Confúcio, Abelardo, Hume, Ortega y Gasset, Sartre, Althusser, Kitarô, Putnam,...). O material reunido foi impresso em mil e dez páginas. [A rigor, no entanto, a antologia tem mais de duas mil páginas. Com efeito, cada página tem duas colunas; cada coluna, em termos de número de linhas e de "batidas", supera os totais correspondentes das páginas comuns (40 linhas, 50 batidas por linha), de livros usuais.]

Algumas "entradas" se limitam a remeter o leitor para outra. P. Ex., "*vengeance*" remete a "*revenge*"; por sua vez, 'slave of the passions' envia a 'reason as slave of the passions'; 'becoming' convida ver 'change, process, time'. O mesmo acontece, digamos, com 'ding-an-sich', 'formal logic', 'if', etc.

Numerosos termos filosóficos - como 'qualia', 'slime' (ou seja, a "viscosidade", discutida por Sartre) e 'supervenience', são brevemente explicados ao longo da antologia.

Muitos verbetes merecem oito a dez linhas. Entre eles, para exemplificar, 'class theory', 'formula', 'propensity', 'vicious circle'. Certos assuntos são discutidos em 15 ou 20 linhas. E o que acontece, digamos, com 'Cambridge change'; 'hedonic calculus'; 'pantheism'; 'ravens, paradox of the'. Grande parte das informações relativas aos filósofos se condensa em 20 ou 30 linhas. Assim acontece, digamos, nos verbetes dedicados a Austin, Carneades, Grice, Le Doeuff, Masaryk; Plantinga, Schlick, Weber. Alguns pensadores, como, digamos, Althusser; Bachelard; Fichte; Meinong; Parmênides; Quine; Santayana, entre outros, são examinados em 50 ou 60 linhas. Verbetes de tamanho médio (os mais comuns), como há pouco mencionado, discorrem a respeito de conceitos, teorias, problemas e escolas filosóficas.

Há referências aos filósofos e à filosofia de países ou regiões específicas. P. ex., alemã; africana; dinamarquesa; espanhola; francesa;

húngara; italiana; japonesa; norueguesa; polonesa; russa; latino-americana, etc. Neste último item, o Brasil se faz presente, mas o único nome lembrado é o de Farias Brito... (Em perspectiva internacional, seremos, efetivamente, tão pobres de filosofia como a enciclopédia deixa entrever?)

Numerosos itens requerem dissertações longas, de uma página (p. ex., "Psychology, philosophical relevance of"); de duas (p. ex., "logical theory"); de três (p. ex., "paradoxes"); e até de quatro páginas. Há 50 ensaios longos. São de dois tipos principais. Os do primeiro tipo aludem a temas fundamentais da filosofia - p. ex., à *história da filosofia da ciência*, aos *problemas da filosofia do espírito* ("mind"), às questões da *metafísica* - e, naturalmente, à própria *filosofia* (um interessante estudo de A. Quinton). Os do segundo tipo aludem aos grande pensadores de todos os tempos. Entre eles, figuram, como não poderia deixar de acontecer, Aristóteles e aristotelismo (14 colunas); Descartes e cartesianismo (onze colunas); Frege (seis); Hegel (seis); Hume (oito); Kant, kantismo (quinze); Kierkegaard (sete); Marx e marxismo (oito); Mill (sete); Platão e platonismo (onze); Russell (seis); Wittgenstein (sete).

Ao final de cada verbete há, via de regra, algumas indicações adicionais (outros itens a consultar, na própria obra), apresentadas com o propósito de completar a análise do item em tela. Além disso, na maioria dos verbetes, há uma ou mais sugestões para leitura posterior, ou seja, lista de títulos de livros ou artigos que conviria examinar, a fim de aprofundar conhecimentos relativos ao item sob exame. Para exemplificar, tome-se um item curioso, dado que "inesperada" sua inclusão numa enciclopédia. Trata-se da expressão 'snow is white' - que se tornou famosa desde a discussão da noção de verdade, em línguas formalizadas, devida a Alfred Tarski. Nesse verbete se indica um tema "correlato", a saber, "semantic theory of truth", e se indica a obra de examinar, "A. Tarski, *Logic, semantics, metamathematics*, 2nd edn., (Indianapolis, 1983)".

Voltemo-nos, a seguir, para os **apêndices**, no final, que muito enriquecem a obra.

Dois páginas (925-6) contêm símbolos lógicos (com a indicação - apenas intuitiva - de seus significados). As páginas 927-944 contêm "mapas da filosofia". Nota-se que tais mapas (exatamente como os geográficos) podem ser traçados de muitos modos diversos e podem ser muito enganadores. Sua validade depende dos motivos que nos levam a traçá-los. A rigor, servem apenas como "guias" extremamente genéricos. Com essa restrição em mente, o organizador da enciclopédia lembra (em três páginas, 927-29) que a filosofia tem três pontos "nucleares": **epistemologia, lógica** (e lógica filosófica) e **metafísica**. Em torno desses pontos, há quatro áreas de especial relevância: *filosofia moral, filosofia da ciência, filosofia da linguagem e filosofia do espírito ("mind")*. Em volta dessas áreas fundamentais, gravitam (1) estética, (2) filosofia social, (3) filosofia política, (4) filosofia da religião, (5) filosofia da matemática, (6) filosofia do direito, (7) filosofia da história e (8) filosofia da educação.

Nas quatorze páginas seguintes, Honderich traça 28 "diagramas em árvore". Oito deles representam os ramos da filosofia (as questões que a filosofia coloca). Os demais representam doutrinas filosóficas (as respostas para aquelas questões). Há diagramas relativos à epistemologia; ao empirismo; ao racionalismo; à metafísica; etc., às teorias políticas e à filosofia da ciência. Com o objetivo de ilustrar o que se registra em tais diagramas, considere-se (p. 942) o caso de "Political philosophy". Há três ramos: "Questions of justification", "Questions of analysis" e "Main related subjects". Esses últimos (de acordo com o diagrama) seriam filosofia moral, filosofia social, filosofia da economia, filosofia da lei, ciência política. No setor da "justificação", surgem três ramos, com as justificações "for property", "for existence of state" e "of behavior". Este último ramo se desdobra em "Of state" e "Of citizens". Aquele, torna a desdobrar-se, dando sub-ramos "To citizens" e "To foreigners". Cada qual desses torna a abrir-se, e assim por diante. Basta. O leitor pode imaginar como os diagramas são construídos.

A utilidade desses "esquemas" é discutível. Com efeito, imagino que cada estudioso terá seu particular modo de construí-los, em consonância com sua própria análise e sua maneira de ver os

assuntos focalizados. Em todo caso, talvez auxiliem alguns leitores a ganhar uma visão geral (em perspectiva de vôo de pássaro) de cada qual dos temas postos em relevo, facilitando-lhes a tarefa de elaborar, em seguida. Seus próprios "resumos".

Doze páginas (945-956) contêm uma "Tábua cronológica" interessante. Numa primeira coluna, ficam registrados os acontecimentos filosóficos de relevo, desde 600 antes de Cristo até a publicação de alguns livros notáveis, entre 1981 e 1986. Numa segunda coluna, paralelamente, está selecionada lista de ocorrências que permitem delinear um "clima" cultural associado àqueles acontecimentos. Exemplificando, considere-se o período 1600-1700. Na primeira coluna são lembrados os nomes de Francis Bacon, Gassendi, Descartes, Hobbes, Spinoza, Locke e Malebranche. Ao lado, há 18 indicações muito apropriadas como, digamos, a invenção do telescópio; as descobertas de Kepler; a condenação de Galileo (1633); a fundação de Harvard (1636); o início dos estudos da probabilidade, em 1634, com Fermat e Pascal; o surgimento do teatro de Corneille, Racine e Moliere; a publicação dos **Principia**, de Newton (1687).

Em tese, parece meio supérfluo um índice numa enciclopédia cujos verbetes se apresentam em ordem alfabética. Pois esta obra termina com um belo índice (50 páginas!). Nele se mostra, para cada item mencionado, onde voltar a examiná-lo, por diferentes ângulos. Exemplificando, eis um caso de "tamanho médio", para não alongar desnecessariamente esta resenha. A fim de saber o que a enciclopédia registra a respeito de indeterminismo, procura-se, obviamente, o verbe *'indeterminism'*. Consultando o índice, porém, vê-se que nos remete para os seguintes outros verbetes: *'causality'*, *'chaos theory'*, *'determinism'*, *'determinism, scientific'*, *'freedom and determinism'*, *'libertarianism'*, *'Peirce'*, *'Popper'*, *'prediction'*, *'quantum theory'*, *'Renouvier'*. Aceitando as indicações, o leitor interessado examinará esses outros verbetes e, dessa maneira, sua análise da questão pode, sem dificuldades, fazer-se ampla e completa.

Dada a qualidade dos colaboradores, a escolha dos assuntos, o equilíbrio na dimensão dos verbetes, a apresentação gráfica, a presença de um "índice de conexões" dos temas (ver o final destas anotações), "**Companion**" merece especial atenção. É importante para o crescente número de pessoas que procuram saber o que dizem pensadores contemporâneos de renome e, em particular, prestará grande auxílio a professores de filosofia, especialmente aqueles que se habituaram a selecionar com cautela suas fontes de informação. Trata-se de obra que se deve ter na estante, para freqüentes consultas.

Leonidas Hegenberg